

OPÇÃO PELA AUTOGESTÃO: INCUBAÇÃO DE UMA COOPERATIVA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS NA ÁREA DE GESTÃO AMBIENTAL

ROSEMERI VÖLZ WILLE¹; LAÍS VARGAS RAMM²; FERNANDA GARCIA PARKER³; ANA CAROLINA CAVALCANTE⁴; ANTÔNIO CARLOS MARTINS DA CRUZ⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas – rosevwill@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – laisramm@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – nandaparker1@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – carol_julho@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – antoniocruz@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo relatar as atividades de incubação realizadas junto a um grupo de técnicos em meio ambiente em seu processo de formação como cooperativa de trabalho, sob a denominação de prestadora de serviços ambientais. Assim, o desenvolvimento deste foi possível através do projeto *Opção pela autogestão: incubação de uma cooperativa de prestação de serviços na área de gestão ambiental*, sendo este promovido pelo TECSOL (Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Tecnologias Sociais e Economia Solidária da UFPel). A partir daí, buscou-se problematizar acerca de metodologias possíveis a serem utilizadas em processos de incubação nos quais os integrantes sejam oriundos do ensino técnico e universitário.

A incubação é um processo educativo que se dá com o relacionamento do saber popular, trazido pelo trabalhador, e o saber acadêmico, trazido pela universidade. Tal relacionamento é mais que uma troca de saberes: é entendido como um processo de produção de conhecimento, onde saber popular e saber acadêmico são utilizados como matéria prima para a construção de um saber popular e científico mais aplicável e adequado à natureza do empreendimento do trabalhador (CULTI, 2007). De acordo com a análise de Cruz (2004) acerca das metodologias utilizadas pelas incubadoras universitárias de cooperativas populares brasileiras – as ITCP's, quase todas se utilizam de métodos pedagógicos da educação popular, inspirada em Piaget e Paulo Freire. A educação popular muito tem em comum com a economia solidária, como apontam Cruz e Guerra (2009), especialmente na relação pedagógica que estabelecem. O reconhecimento do saber popular, o protagonismo dos sujeitos no aprendizado e emancipação, e a educação como prática libertadora são algumas das convergências entre ambos.

O grupo incubado é constituído, em sua maioria, por egressos do curso técnico em meio ambiente do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC, do governo Federal. O assessoramento teve inicio após o contato do grupo, que demonstrou interesse na formação de uma cooperativa, com o Núcleo TECSOL, da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de caráter participativo. Junto às concepções e práticas da educação popular utilizou-se inicialmente o método de diagnóstico rápido participativo emancipador (DRPE), que objetiva a construção coletiva de um mapa da realidade do grupo e elaboração de um plano de ações de

incubação. O DRPE é fundamentado na crítica coletiva e mudança cultural no intuito de alcançar a autogestão e é composto por técnicas de intervenção coletiva que permitem a obtenção de informações e identificação de problemas em curto espaço de tempo (PEREIRA, 2009). O processo de incubação divide-se em três etapas, a pré-incubação, a incubação (ou desenvolvimento) e desincubação (CRUZ, 2004). Na primeira é feita a apresentação do trabalho da incubadora e realizadas as atividades do DRPE; Na segunda são realizadas atividades formativas e de assessoramento e a última é o processo gradual através do qual se encerram os trabalhos da equipe de incubação, quando o empreendimento já está consolidado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período em que se realizou a pré-incubação do empreendimento, o grupo apresentou à equipe de incubação suas demandas. Uma particularidade deste é que logo em suas primeiras reivindicações foi relatada a necessidade de intervenção na área pedagógica e relacional, ou seja, no manejo de conflitos e na realização de atividades formativas acerca do trabalho cooperativo. Essa característica é justamente consequência do fato do grupo já carregar consigo um conhecimento estritamente técnico de sua área de atuação, e, por isso, necessitando de reduzido assessoramento específico. Portanto, inicialmente deve-se uma maior atenção às demandas organizativas e de construção da autogestão. Ainda como atividade de pré-incubação, foi realizada uma oficina formativa sobre a temática da economia solidária, abordando os conceitos principais, história e iniciativas práticas.

Após este período inicial de contato do grupo com a proposta da economia solidária, atividades mais específicas de incubação foram iniciadas. Foi criada no grupo uma comissão de estudo de viabilidade econômica, responsável por estudar preços dos serviços e outras características do mercado no qual a cooperativa está se inserindo. Também foi ensinado ao grupo a redigir atas, e realizadas atividades pedagógicas no sentido de que possam aprender a rodiziarse na coordenação e relatoria de reuniões de forma organizada. Também foi realizada uma oficina sobre elaboração de estatuto de cooperativas, com o intuito de que o grupo tenha as ferramentas necessárias para construir o seu estatuto.

Além das atividades já citadas e das reuniões feitas com o grupo incubado com o fim de planejar o prosseguimento do trabalho, realizou-se uma oficina com um dos membros da COOPSSOL, cooperativa que atua de forma similar a que pretende esta em formação. Assim, o convidado falou acerca das dificuldades e potencialidades da formação de cooperativas de prestação de serviços. Entendemos, como grupo de incubação, que este tipo de atividade é importante para que haja uma troca de saberes entre os atores da economia solidária e para o fomento da solidariedade entre estes atores.

Ademais, cabe problematizar as peculiaridades da incubação de grupos egressos de cursos técnicos e/ou superiores, especialmente no que se refere à metodologia. A educação popular e a economia solidária, historicamente, são voltadas ao combate às desigualdades, o que faz suas trajetórias marcadas pelo trabalho com grupos pouco ou nada escolarizados e pauperizados. Assim, tal discussão perpassa uma análise da conjuntura atual da economia solidária, onde esta apresenta-se como uma alternativa possível ao modo de trabalho hegemônico para grupos com formação voltada ao mercado de trabalho, e não mais apenas uma alternativa ao desemprego. Entendemos que a contribuição da

educação popular atualiza-se também nesse contexto, já que a formação acadêmica se mostra voltada à passividade dos indivíduos.

O trabalho com o grupo de técnicos revitaliza a problemática relacionada ao sistema educacional, já que a autogestão apresenta-se majoritariamente como novidade para os membros da cooperativa em formação. A educação, tanto básica como técnica e superior não está voltada para a construção de autonomia e seu enfoque é o mundo do trabalho em seu paradigma mais tradicional. Dizendo-se de outra forma, as instituições educacionais não preparam para o trabalho solidário e autogestionário, mas para a lógica empresarial de competição e heterogestionária. O PRONATEC é um exemplo muito claro disso, já que, conforme apontam Machado e Fidalgo (2014), o programa não esconde seu viés mercadológico, visto que com o objetivo de aumentar a oferta de mão de obra, lança mão inclusive da transferência de recursos da rede pública para a privada.

Diante do exposto, observa-se neste processo que, devido ao fato do grupo incubado e do grupo de incubação possuírem formação técnica e científica, estando imersos no sistema educacional problematizado, a prática autogestionária torna-se especialmente desafiadora, pois é necessário estar atento para que não se reproduza a passividade e as práticas heterogestionárias características do modelo educacional. Deste modo, comprehende-se a incubação como um processo de aprendizado comum entre os grupos e, sobretudo, como uma prática pedagógica emancipatória, que se difere do paradigma individualizante da instituição escolar.

4. CONCLUSÕES

Entendendo a incubação como um processo pedagógico, a educação popular, enquanto sua metodologia norteadora, atualiza-se em suas problemáticas no trabalho com grupos oriundos do ensino técnico e superior. Isto acontece, porque, diferentemente do trabalho com cooperativas populares e grupos informais, em que o saber acadêmico é desafiado a aprimorar-se pelo constante contato com o saber popular, neste empreendimento, além do saber popular, os sujeitos trazem também um conhecimento científico, diferente do da equipe de incubação. Trazem, também, suas experiências com as práticas pedagógicas da educação formal da qual são provenientes, que se diferenciam do paradigma político e metodológico das incubadoras de empreendimentos econômico solidários.

Para Gadotti (2000), as práticas da educação popular constituem-se em mecanismos de democratização, nos quais se refletem os valores de solidariedade e reciprocidade. Estes elementos nos parecem fundamentais na relação entre equipe de incubação e empreendimento incubado, já que é através da relação dialógica e horizontal que os saberes de ambos se transformam. Neste sentido, o processo de incubação é primordialmente formativo. A educação, neste contexto, é uma prática voltada à transformação social, e o aprendizado acerca das formas alternativas de organização do trabalho deve partir dos conhecimentos prévios dos sujeitos envolvidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CULTI, M. N. Economia Solidária: Incubadoras Universitárias e Processo Educativo. **Revista PROPOSTA**, Publicação da FASE, Jan/Mar, ano 31, nº 111, 2007.

CRUZ, A. 'É caminhando que se faz o caminho' – diferentes metodologias nas incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil. In: **Cayapa – Revista Venezolana de Economía Social**. Mérida: CIRIEC – Venezuela, 2004.

CRUZ, A. e GUERRA, J S. Educação popular e economia solidária nas incubadoras universitárias de cooperativas populares – práticas dialógicas mediadas pelo trabalho. In: **HERBERT, Sérgio et al. Participação e práticas educativas - a construção coletiva do conhecimento**. Oikós, p. 90 - 105, São Leopoldo, 2009.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 03-11, 2000.

MACHADO, M. R. L.; FIDALGO, F. S. R. Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (PRONATEC): uma abordagem crítica. In: **IV SENEPT - Seminário Nacional de Educação profissional e Tecnológica**. Belo Horizonte. Anais GT 3 Trabalho e educação profissional e tecnológica, 2014. Online. Disponível [em: http://www.senept.cefetmg.br/site/AnaisSENEPT/anaisIVsenept.html](http://www.senept.cefetmg.br/site/AnaisSENEPT/anaisIVsenept.html) . Acessado em: 18/07/2015.

PEREIRA, J. R. Diagnóstico Participativo em Cooperativas. In: **III Encontro Nacional de Pesquisadores em gestão social**. Anais. Juazeiro/BA – Petrolina/PE, 2009.